



## **A SEXUALIDADE: DE KARDEC A FOUCAULT, UM OLHAR DE TRANSCENDÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE**

*Vilmar Antonio Bohnert*<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Goiás  
Quirinópolis, Goiás, Brasil  
[vilmar.bohnert@hotmail.com](mailto:vilmar.bohnert@hotmail.com)

**Resumo:** Esta pesquisa não é uma extensa análise entre Kardec e Foucault e, sim, uma interface possível sobre a homossexualidade. Neste contexto, pretende-se, todavia, iniciar o leitor ao estudo do tema tão relevante e direcionar o assunto para a esfera acadêmica em relação à homossexualidade, de forma especial, ou qualquer outra forma de expressão sexual do indivíduo. Problematisa-se o cotidiano: Como conviver com essa árdua tarefa diária de respeito mútuo, de ver meu semelhante como ele é, ou se apresenta? Como encarar as conquistas na área jurídico-social como o casamento gay e a adoção de filhos por parte desses casais? Na presente pesquisa propõe-se dar à questão um olhar transcendental e contemporâneo. Busca-se mediante o método da pesquisa bibliográfica, elementos e subsídios que ofereçam uma abordagem teórica sobre o tema. Na visão transcendental será dado um enfoque especial sob a ótica da Doutrina Espírita por meio das obras de Allan Kardec, e outros autores, contrapondo teoricamente com a visão contemporânea de Michel Foucault: *História da Sexualidade*, volumes I, II e III.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Homossexualidade, Transcendência, Contemporaneidade.

### **A Sexualidade: De Kardec A Foucault, Um Olhar De Transcendência E Contemporaneidade**

“No começo do ano, Daniel foi recusado em sete escolas particulares de São Paulo. Ele é transexual, um menino que se sente e age como uma menina. Só conseguiu vaga em uma escola especial, para alunos com alguma deficiência”.

---

<sup>1</sup> Graduando em História (UEG – Quirinópolis)

“Em uma escola particular em Araguaína, Tocantins, Lídia Vieira Barros brigou com uma aluna que a chamava de ‘sapatão’. No dia seguinte, Lídia foi mandada à orientação psicológica. A outra, não”.

Quando era aluno do Colégio Federal do Rio de Janeiro, Pedro Gabriel Gama fez um protesto na escola contra a falta de água. No dia seguinte, ouviu do diretor: “isso é coisa de veado”.

Nestes episódios acima narrados pela jornalista Ana Aranha, em artigo publicado na *Revista Época*, tem-se uma pequena amostra do que é o dia a dia de pessoas que trazem o estigma da homossexualidade. Em sua reportagem cujo título é: *Escolas ainda não sabem lidar com os alunos gays*, destacando que : “A rede educacional brasileira encara os homossexuais, e não o preconceito, como problema” ilustra a falta de preparo, não só da nossa rede escolar, mas de um modo geral de nossa sociedade em lidar com esse problema atual e desafiador para nossos relacionamentos sociais.

Como conviver em nosso cotidiano com essa árdua tarefa de aceitar nosso semelhante da maneira como ele é, ou se apresenta diante de nós, sem usar do preconceito, da discriminação, da hipocrisia, ou, até mesmo da violência? Ainda, segundo a jornalista, Ana Aranha, duas pesquisas feitas pela Unesco, em 2004, evidenciam a gravidade do preconceito nas escolas:

uma delas, entre os alunos, descobriu que 40% dos meninos brasileiros não querem um colega homossexual sentado na carteira ao lado; outra, com professores, mostrou que 60% deles consideram ‘inadmissível’ que uma pessoa mantenha relações com gente do mesmo sexo. Há um muro de preconceitos que impede as pessoas de aceitar os homossexuais: eles são promíscuos, não têm família, morrem de AIDS (ARANHA, 2009, p. 1).

Em sua obra *A História da Sexualidade*, volumes I, II e III, Foucault nos permite um olhar investigador, histórico, reflexivo, esclarecedor e questionador sobre o sexo, nos domínios da experiência, do relacionamento, do cuidado de si e com os outros, esclarecendo como da antiguidade ao cristianismo a problematização da conduta sexual desloca-se, pouco a pouco, de uma estética do prazer para uma hermenêutica do desejo. O domínio a ser analisado é o dispositivo da sexualidade, sua formação, seu desenvolvimento, suas estratégias.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-

se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1984, vol. I, p.100).

[...] O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 1984, vol. I, p. 101).

Mas de que tratam essas estratégias? Uma luta contra a sexualidade? Um esforço para assumir seu controle? Uma espécie de regência no sentido de ocultar o que é indiscreto, gritante, indócil? Nessas e noutras questões sobre a sexualidade Foucault vai tecendo suas ideias e nos inserindo de forma magistral em seu contexto.

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais (FOUCAULT, 1984, vol I, p. 98).

O Uso dos Prazeres, segundo volume de sua obra, aborda, sob o aspecto da reflexão moral, a atividade sexual nas perspectivas da educação, do exercício da temperança (equilíbrio), do bom uso dos prazeres, do domínio de si e dos outros, da aquisição e manutenção da liberdade e da verdade, na Grécia clássica. A reflexão moral dos gregos sobre o comportamento sexual não procurou justificar interdições, mas estilizar uma liberdade: aquela que o homem “livre” exerce em sua atividade.

Daí o que pode passar, à primeira vista, por paradoxo: os gregos praticaram, aceitaram e valorizaram as relações entre homens e rapazes: e, contudo seus filósofos conceberam e edificaram, a esse respeito, uma moral de abstenção. Eles admitiram perfeitamente que um homem casado pudesse procurar seus prazeres sexuais fora do casamento e, no entanto, seus moralistas conceberam o princípio de uma vida matrimonial em que o marido só teria relação com a própria esposa. Eles jamais conceberam o prazer sexual como um mal em si mesmo ou podendo fazer parte dos estigmas naturais de um pecado; e, contudo, seus médicos se inquietaram com as relações entre a atividade sexual e a saúde, e desenvolveram toda uma reflexão sobre o perigo de sua prática (FOUCAULT, v. II, p.125).

Nesta mesma linha tênue da sexualidade, e sua moral, em relação ao corpo (e os cuidados de si), em relação à esposa (e à fidelidade conjugal recíproca), na relação com os rapazes (praticar a abstenção, para que pudesse conservar o valor espiritual que dela se esperava), em seu terceiro volume: O cuidado de si, Foucault investiga os dois primeiros

séculos de nossa era, cujo período, é para muitos, o precursor da moral cristã encontrando-se nele um certo recrudescimento dos temas de austeridade e, na conclusão diz:

Toda uma reflexão moral sobre a atividade sexual e seus prazeres parece marcar, nos dois primeiros séculos de nossa era, um certo reforço nos temas de austeridade. Médicos inquietam-se com os efeitos da prática sexual, recomendam de bom grado a abstenção, e declaram preferir a virgindade ao uso dos prazeres. Filósofos condenam qualquer relação que poderia ocorrer fora do casamento e prescrevem entre os esposos uma fidelidade rigorosa e sem exceção. Enfim, uma certa desqualificação doutrinal parece recair sobre o amor pelos rapazes (FOUCAULT, v. III, p. 231).

As modificações na moral sexual, agora propostas, são temas reincidentes desde a época clássica, e que buscam, além do cuidado de si, sublinhar a fragilidade do indivíduo naquilo que a atividade sexual, em relação aos diversos males, pode suscitar.

Segundo Foucault, até o início do século XVII a sexualidade, e suas práticas, era tratada com certa franqueza, sem disfarces, sem hipocrisia, havendo uma tolerante familiaridade com o ilícito,, quando então a burguesia vitoriana absorve-a, encerrando-a dentro de casa, conduzindo-a para a função reprodutiva.

O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 1984, vol. I, p. 9-10)

A hipocrisia das sociedades burguesas, forçadas a ceder algumas concessões ao ilegítimo, marginaliza a sexualidade deslocando-a para o prostíbulo, para a miséria, para as casas de saúde e consultórios de psiquiatria.

A liberdade, ainda que com restrições, no século XVII, sai de cena após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, coincidindo com o desenvolvimento do capitalismo e a repressão que segundo Foucault faria parte da ordem burguesa.

[...] o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e ‘hermafroditismo psíquico’ permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de ‘perversidade’; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso ‘de reação’: a homossexualidade pôs-se a falar de si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou a

sua 'naturalidade' e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (FOUCAULT, 1984, vol. I, p. 96).

Muda o discurso. A burguesia, agora, atrelada à igreja, aumenta sua área de domínio e a colocação do sexo em novo discurso passa a ter o imperativo confessional (herança do concílio de Trento) em sentido amplo, não apenas o de revelar o ato consumado, mas seu detalhamento: “dizer tudo, repetem os diretores espirituais: não somente os atos consumados como também os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas... todos os pensamentos consentidos” (FOUCAULT, 1984, v. I, p. 24).

Os diretores espirituais, da nova moral cristã, querem e exigem mais:

É preciso, nas narrativas, o maior e o mais extenso detalhamento; só podemos julgar o que a paixão que contaís tem de relativo aos costumes e às características do homem, na medida em que não disfarceis nenhuma circunstância; as menores circunstâncias servem aliás, infinitamente, ao que esperamos de vossas narrativas (SADE, apud FOUCAULT, 1984, vol. I, p. 24-25).

Na transição entre o século XVII e XVIII vê-se nascer uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo, não no geral, como teoria, mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação, mediante pesquisas quantitativas ou causais.

Para Foucault, nos últimos três séculos, em suas transformações contínuas, assistiu-se a uma verdadeira explosão discursiva a propósito do sexo. No entanto a ocidentalização da sociedade modificou completamente o discurso, o entendimento, a aceitação, a prática, no que tange à sexualidade e a história nos mostra o indivíduo numa busca constante de sua própria identificação, enquanto sujeito sexual, em que o poder econômico, o político ou o social das classes dominantes, em cada época à sua maneira, exerce função importante, determinante, no discurso e na ação sobre a sexualidade, numa tentativa de normatizar as práticas sexuais de acordo com os padrões da época. Porém, entre o domínio masculino e a sujeição da mulher, perpetuado através dos séculos, temos uma lacuna enorme a ser preenchida com outras formas de manifestações sexuais que escapam daquela preconizada apenas para a procriação dentro da relação monogâmica do casamento: a busca do prazer pelo ato sexual em si (movido pelo desejo), o incesto, as relações entre indivíduos do mesmo sexo, entre outras, todas condenadas e transformadas em pecado pela nova moral cristã e, que, seriam aceitas, pelo menos em parte, na antiguidade greco-romana.

O século XX trouxe a necessidade da mudança, não no discurso em si, nem nos compêndios, nas enciclopédias, nos relatórios produzidos (e acumulados), mas sobretudo na prática, na exigência de que alguém abra esse baú de informações, decodifique-as e rompa segredos e censuras a fim de que o sexo em suas mais diversas formas de manifestações ganhe espaço e garanta novas conquistas, agora porém reais, não mais discursivas. A sexualidade escapuliu do sermão e do laboratório indo parar nas ruas, nas assembleias, nos tribunais, mas, também, nos consultórios de psicanálise. Se é verdade que o final do século XX nos apresenta uma realidade incontestável de mudanças de códigos (de modo geral e universal), e de comportamento dos indivíduos (como consequência e benefício das lutas pelos direitos de igualdade social das minorias), também é verdade que neste início de século XXI parece faltar à criatura humana a noção de ser integral, cósmico, consciente de sua trajetória evolutiva, vivenciando ora a experiência carnal, ora a espiritual, em comunhão perfeita, normal e constante entre os dois mundos, o que lhe facultaria um discernimento das leis divinas que regem nossas vidas no dia a dia.

O indivíduo é a medida das suas realizações interiores e de toda a herança que carrega no seu inconsciente, o que equivale a dizer, que é o resultado inevitável da sua longa jornada evolutiva, na qual, passo a passo, se liberta do instinto, mediante o uso correto da razão, desta passando para a intuição (FRANCO, 2000, p. 65).

Este entendimento dá ao homem a necessária compreensão de como e porque exerce, alternadamente, através da vestimenta carnal (encarnação), sua polaridade sexual ora masculina, ora feminina e, em alguns casos, intimamente, relacionadas com manifestações homossexuais ou transexuais, visto que com a falta do mesmo a criatura vai ao desespero e busca: primeiro, uma explicação diante do quadro (na maioria das vezes incompreensível para ela) que a atormenta e, segundo, sua autoidentificação perante a vida numa sucessão de perguntas tais como: quem sou? Por que sou assim? Sou normal? Porém, uma questão raramente é levantada: como agir diante do quadro que estou inserido?

Segundo o Espiritismo Deus cria o espírito sem definição sexual pois, essa é uma função biológica, orgânica. Ao abordar esse assunto em O Livro dos Espíritos, Questão de número 200: Os espíritos têm sexo? Kardec obtém, dos Espíritos Superiores, encarregados de trazerem à lume o “Consolador” prometido por Jesus, agora, porém, com nova roupagem, a seguinte resposta: - Não como o entendeis, pois os sexos dependem do organismo. Entre eles há amor e simpatia baseados na identidade de sentimentos. Na sequência, Questão de número 201, Kardec pergunta: - O espírito que animou o corpo de um homem, em nova existência

pode animar o de uma mulher? Os espíritos respondem: - Sim, são os mesmos espíritos que animam os homens e mulheres (KARDEC, 2000, p. 115).

De um modo especial, a Doutrina Espírita, conforme seus postulados, procura dar ao ser humano essa compreensão de ser integral, harmonizado com as leis cósmicas (divinas) às quais toda humanidade é subjacente, numa tentativa de esclarecimento, e assim amenizar o sofrimento e a angústia daqueles que sem o saber, conscientemente, transitam pela experiência da homossexualidade de uma forma difícil, tormentosa, a qual, não raras vezes, empurra o indivíduo ao isolamento social, ao desânimo, à depressão e ao suicídio, esclarecendo que

[...] Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres porque eles não têm sexos. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes oferece provas e deveres especiais, além da oportunidade de adquirir experiência. Aquele que fosse sempre homem não saberia senão o que sabem os homens (KARDEC, 2000, p.116).

Às vezes, vivenciando uma série de existências carnis (reencarnações) num mesmo sexo, o espírito poderá conservar por algum tempo as características adquiridas, pois não as perde imediatamente com seu retorno ao plano espiritual.

Posteriormente, segundo a *Revista Espírita* (01/1866) quando analisa o tema: *As mulheres têm uma alma?*, Kardec tece o seguinte comentário:

[...] O espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu organismo se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõe esse novo organismo. Essa influência não se apaga imediatamente depois da destruição do envoltório material, do mesmo modo que não se perdem instantaneamente os gostos e os hábitos terrestres; depois, pode ocorrer que o Espírito percorra uma série de existências num mesmo sexo, o que faz com que, durante muito tempo, ele possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher do qual a marca permaneceu nele.

[...] Se essa influência repercute da vida corpórea à vida espiritual, ocorre o mesmo quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corpórea. Numa nova encarnação, ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, fará um homem avançado; se for atrasado, fará um homem atrasado. Mudando de sexo, poderá, pois, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as tendências e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres (KARDEC, 1866, p. 2-4).

Allan Kardec (Pseudônimo utilizado pelo Pedagogo francês, Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail), não inventou o plano espiritual, nem o descobriu, apenas, com o auxílio dos Espíritos Superiores, descortinou-o para a humanidade de uma forma clara e concisa corroborando de certa forma a ideia que várias civilizações já possuíam do mesmo

como a grega, a egípcia, a hindu e tantas outras que a história nos apresenta de forma inequívoca.

Nesse contexto a Doutrina Espírita oferece, pela lei da palingenesia, a visão transcendental do espírito e uma forma prática de entender aquilo que ocorre com os mesmos ao retornarem ao mundo espiritual (mundo de origem) após seu desencarne e, conforme proposta de trazer algo significativo em termos de experiência, coloca-se como testemunho do que foi explanado: um depoimento de alguém que, quando em sua última encarnação na terra, animou um corpo com características homossexuais na condição de lésbica. Transtornos psicossociais e familiares marcaram sua última existência. Na busca desenfreada pela satisfação de seus desejos sexuais não mediu esforços. Casou-se, e isso só fez aumentar seu sofrimento nos momentos íntimos com seu marido pois, embora em corpo de mulher, seu espírito mantinha características masculinas. O desconhecimento desse processo reencarnatório, e das leis que o regem, nesse caso, aumentava-lhe a angústia e a necessidade de respostas para aquilo que sentia e isso só aconteceu com seu retorno ao plano espiritual:

Eu fui lésbica. Dentro de meu corpo de mulher sentia-me um homem. Desde pequena os meus pendoros foram todos masculinos. Menina, e os meus companheiros de peraltagem eram meninos, tanto que minha mãe repetia: não sei a quem me saiu a Laurinha; é peralta como um menino, está sempre no meio deles; coisa feia. E assim era: em qualquer reunião raramente me encontrava entre minhas amiguinhas. Porém, nos grupos de rapazes lá estava eu, não como mulher, mas como homem, que intimamente me parecia ser. Veio-me a menstruação, sofri horrores que se repetiam mês após mês. Completei quinze anos. Eu era bonita de rosto, conquanto desgraciosa de corpo. E os meus pais chamaram-me em particular: - de agora em diante evita estar tanto entre os moços; tens coleguinhas...por que isso? – mas, mamãe, não gosto das conversas delas, de vestidos, de modas, de sapatos, de batons, de penteados, de namoradinhos. Eu, por mim, cortaria meus cabelos como homem e vestiria calças. A minha resposta desgostou-os. Mudei: apaixonava-me facilmente por meninas e mulheres casadas. Deliciava-me frequentar o vestiário de meu clube contemplando aqueles corpos nus, lavando-se, esfregando-se, enxugando-se, muitas vezes surpreendia-me exclamando: ah, se eu fosse homem! Vicieí uma prima; além do prazer que ela me proporcionava, dava-me a sensação de ser verdadeiramente homem. Descobriram-me e passei a ser vigiada. Evitam-me. O meu pai tratava-me com rispidez. Uma fria solidão envolvia-me. Mesmo assim, casei-me. Não lhes descreverei o horror que senti na minha noite de núpcias; foi pasmoso. O meu esposo tinha-me nos braços e acariciava um corpo de mulher, dentro do qual se escondia o espírito de um homem. E durante as carícias, enlaçada pelo meu marido, que me abraçava e me beijava, quantas vezes tive ímpetos de repeli-lo e gritar: eu também sou um homem! Jamais ele percebeu; fui-lhe fiel até o fim. A nossa união durou 15 anos; não tivemos filhos. O meu marido enviuvou e contraiu segundas núpcias, desta vez com uma autêntica mulher, de corpo e alma. Desencarnado, compreendi o porquê dessa encarnação como mulher; porque eu, um espírito masculino, fora embutido – sim, embutido é o termo certo – num corpo feminino. Por quatro encarnações consecutivas eu erigira o sexo como supremo fim de um homem. A mulher para mim era um objeto, um mero instrumento de prazer, de gozo. Quando me saciava, atirava-a para um canto qualquer, e servia-me de outra. Jamais lhes respeitava a dignidade. Jamais as reconhecia como mães, esposas, irmãs. E nos intervalos de minhas encarnações, em vez de me corrigir, frequentando



as escolas correcionais da Espiritualidade, para o que não me faltaram convites, associava-me a hordas maléficas, cujo escopo era implantar o domínio do sexo. Até que, por ordem superior, encaminharam-me de forma compulsória aos engenheiros maternos, que me agrilhoaram a um corpo feminino a fim de que eu aprendesse a valorizar a mulher. Felizmente tão dolorosa experiência valeu-me. Corrigi-me. Não só aprendi a valorizar a mulher como a divinizá-la no seu papel de mãe, de esposa, de irmã. Voltei a minha forma masculina. Trabalho agora no setor de socorro aos náufragos do sexo. Quando soar a hora tornarei à terra no corpo de homem normal e saberei respeitar a mulher no altar sagrado do casamento. Claro que o meu carma não será tranquilo, e as vicissitudes que por certo virão, em que pese gerar aflições, serão lições valiosas. E ao depararem com homens e mulheres transviados do sexo, compaixão, muita compaixão para com eles (ROSIGALLI, 1997).

O depoimento de quem viveu o problema dá uma noção de como é nas duas realidades (carnal e espiritual), a questão da homossexualidade.

[...] a alma reencarna, nessa ou naquela circunstância, para melhorar e aperfeiçoar-se e nunca sob a destinação do mal, o que nos constrange a reconhecer que os delitos, sejam quais sejam, em quaisquer posições, correm por nossa conta (XAVIER, 1978, p. 273).

Justamente esses delitos cometidos , não só contra outros, mas contra si mesmo, também, a responsabilidade (que é individual) perante as leis divinas e o desconhecimento de sua identidade cósmica, são as principais causas que conduzem o indivíduo a adquirir débitos futuros incalculáveis nesse momento de transição terrena, ao assumirem posições contrárias a essas mesmas leis. Não se trata aqui de uma simples condenação ao homossexualismo (ou outra forma de manifestação da sexualidade), ao contrário, o Espiritismo como doutrina esclarecedora e, portanto, libertadora, procura dar ao indivíduo, sem subterfúgios, um entendimento cristalino dessa situação.

O preconceito e suas armadilhas, a discriminação que inibe e conduz o indivíduo ao isolamento, o medo e suas consequências psíquico-sociais, a insatisfação nos relacionamentos com a troca constante de parceiros (e suas causas mórbidas) e a busca incessante do prazer, do erótico, do diferente, são algumas das causas de desequilíbrio do ser humano que o conduzem ao mais difícil e perigoso caminho que, nesse momento, ele poderia seguir: o da libertinagem. Fruto este de seu egocentrismo em que impera a lei do “tudo quero, tudo posso” e também da banalização de valores éticos e sociais, como o amor, a amizade, a bondade, a caridade, e de importantes estruturas de nossa sociedade, como a família, essa atitude irá repercutir *a posteriori*, trazendo consequências diretas ao infrator, em consequência dos equívocos assumidos.

Nesse momento a busca de ajuda sincera e capacitada que lhe indique um caminho esclarecedor (não condenatório), que lhe dê uma luz, devolve ao ser humano a dignidade e a

esperança. O Espiritismo, é uma alternativa. O médico psiquiatra Roberto Lúcio Vieira de Souza, da Associação Médico-Espírita do Brasil, a respeito da terapêutica espírita afirma:

A doutrina dos espíritos nos oferece recursos em diversas áreas de atuação, capazes de facilitar não só a compreensão das pessoas ligadas direta ou indiretamente nos casos de homossexualismo, mas também proporcionando condições de mudança para os que buscam se renovar.

Do ponto de vista do conhecimento doutrinário, ou seja, do contato do indivíduo com as verdades espíritas, estas lhe facilitam a compreensão daquilo que a criatura está passando, despertam as ideias no campo da reencarnação, da lei de causa e efeito, da busca da realidade maior acerca do caminho mais adequado para sua melhoria e das técnicas espíritas para o tratamento. Elas abrirão espaço para que a criatura pense por um outro ângulo, conscientizando-se da necessidade de renovação (SOUZA, 2003, p. 43-45).

A sexualidade, de modo geral, e a homossexualidade em especial, são, pois, assuntos polêmicos que envolvem comportamentos, sentimentos, modos de ser, de viver, de amar, e, portanto, desafiadores.

## Referências

ARANHA, Ana. In Escolas ainda não sabem lidar com os alunos gays. Artigo publicado no site: [revistaepoca.globo.com/revista/época](http://revistaepoca.globo.com/revista/época), (24/04/2009). Acesso em 23/05/2013.

FOUCAULT, M. A história da sexualidade I: a vontade de saber; 5. ed. tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984a.

\_\_\_\_\_. A história da sexualidade II: o uso dos prazeres; 13. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984b.

\_\_\_\_\_. A história da sexualidade III: o cuidado de si; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRANCO, Divaldo Pereira. O despertar do Espírito/pelo espírito Joanna de Ângelis. 7 ed. Salvador, BA: LEAL, 2006.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 132 ed. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 2000.

\_\_\_\_\_. In As mulheres tem uma alma? Artigo publicado na Revista Espírita (01/1866, p. 2-40). Disponível no Site: [WWW.espirito.org.br/download/pdf/revista-espirita-1866/pdf](http://WWW.espirito.org.br/download/pdf/revista-espirita-1866/pdf).

ROSSIGALLI, Comentários: Homossexualismo. Artigo publicado no Boletim Eletrônico nº 258/1997. Disponível no Site: [WWW.geae.inf.br](http://WWW.geae.inf.br)

SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. In A visão espírita da Homossexualidade. Artigo publicado na Revista Cristã de Espiritismo nº 19. São Paulo, SP. Disponível no Site: [WWW.rcespiritismo.com.br](http://WWW.rcespiritismo.com.br)

XAVIER. Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Sexo e Destino/pelo Espírito André Luiz. 6 ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1978.